

Doralice Sátyro Maia

Professora do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba, do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Pesquisadora CNPq
doralicemaia@hotmail.com, doralicemaia@pq.cnpq.br

Desvendando o campo na cidade: Notas metodológicas

Resumo

O artigo apresenta os registros metodológicos de pesquisas realizadas na cidade de João Pessoa-PB, tendo como propósitos principais analisar a prática de atividades rurais e a manutenção dos espaços rurais na malha urbana. O despertar pela temática e os caminhos percorridos até se chegar à definição do que investigar são descritos e narrados na perspectiva de compartilhar e contribuir com outros pesquisadores que se interessem pelo tema. Os procedimentos metodológicos utilizados em cada “campo” de análise – as vacarias, os parques de vaquejada e a feira de gado – são expostos, revelando inclusive as dificuldades encontradas na condução da pesquisa. Além dos procedimentos, registram-se os principais conceitos e teorias que fundamentaram os estudos. A estrutura do artigo é composta por uma introdução e pelas unidades dos procedimentos que se dividem em: descobrindo as vacarias na cidade; a casa; o curral; a vaquejada e a feira de gado.

Palavras-chave: trabalho de campo, o campo na cidade, João Pessoa-PB, vacaria, cidade.

Abstract

UNVEILING THE COUNTRY IN THE CITY: METHODOLOGICAL NOTES

The article presents the methodological records of researches performed in the city of João Pessoa -PB, having as main purpose to analyse the practice of rural activities and maintenance of rural land on the urban environment. The awakening for the theme, the paths taken to reach the definiton of this investigation are described

and narrated on the perspective of sharing and helping other researchers who are interested in the subject. The methodological procedures used in each “field” of analysis - the dairy farms, the vaquejadas parks and the cattle fair - are exposed, revealing inclusively the difficulties found in the research conduct. In addition to the procedures, are registered the main concepts and theoretical foundations which justified the studies. The article structure consists of an introduction and the units of procedures which are divided into: discovering the dairies in the city; the house; the corral; the vaquejada and the cattle fair.

Key-words: methodological records of research, the country in the city, João Pessoa-PB, the dairies, the city.

1. Introdução

A escolha por abordar o tema “Desvendando o Campo na Cidade” dá-se principalmente em função da realização de nossas pesquisas de mestrado e doutorado, que tiveram como títulos respectivamente: “O campo na cidade: necessidade e desejo (Um estudo sobre os subespaços rurais em João Pessoa-PB)” e “Tempos Lentos na Cidade: permanências e transformações de costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB”. Apesar do tempo largo que nos remete a estes trabalhos e de nos últimos anos nossas investigações terem se direcionado para outros temas, “o campo na cidade” permanece como uma questão, como uma problemática, ou melhor, como uma realidade que continua a merecer atenção. Nos últimos eventos da Geografia brasileira, encontramos trabalhos realizados nas mais diversas instituições que tratam da temática, fato que vem demandando solicitações dos trabalhos acima mencionados. Além disso, algumas orientações continuam nos mantendo conectada aos estudos do campo na cidade ou ainda à questão mais ampla das relações cidade e campo. Dessa forma, resolvemos retomar a discussão no sentido de dialogar com aqueles que estão ou que anseiam por tratar de realidades similares que se fazem presentes nos lugares onde residem ou que pretendem estudar. Por isto, a prioridade dada ao enfoque metodológico, explicitando as dificuldades e as possibilidades, os caminhos e os descaminhos, os encontros e as perseguições para desvendar o campo na cidade.

Nos estudos sobre a cidade, especialmente aqueles que abordaram os primórdios do processo de urbanização, vários autores, pesquisadores

e/ou literatos escreveram sobre “a presença viva do campo” nas cidades. Esses escritos expressaram os tempos de estreita relação entre o campo e a vida que despontava como sendo urbana, ou ainda, a integração daquilo que era próprio do “mundo rural” à vida urbana então emergente. Tal manifestação pode ser apreciada em escritos que tomaram por base as mais diversas cidades. Encontramos, na obra *Das Ideal des Kaputten*, de Alfred Sohn-Rethel, prodigiosa descrição sobre a interação dos *costumes rurais* e a cidade de Nápoles (Itália). Sohn-Rethel, ao visitar essa cidade, em junho de 1926, vivencia um acontecimento que muito o impressiona: um engarrafamento na Via Chiaia (*Eine Verkehrsstockung in der Via Chiaia*)¹. A originalidade desse engarrafamento está na sua causa: uma carroça puxada por um burro. O autor, ao narrar esse episódio, expressa verdadeira adoração pela cena. Ele observa que,

mesmo ocupados com as mais diversas origens destes barulhos, os motoristas demonstraram em número expressivo e de uma maneira notável o interesse pelo *Somarello* teimoso, culpado por tamanha confusão. Apesar da crise febril, as pessoas ficavam ligadas ao burrinho. [...]. Para o *ciuccio*, todas estas atrações e luxúrias pareciam ficar sem efeito, ele não dava nenhum passo nem para frente, nem para trás, mas as preocupações dos napolitanos demonstraram que eles estavam naturalmente distanciados da sua antiga existência rural, porém ainda não foram totalmente urbanizados [...] (*Op. cit. p. 9*).

A partir dessa cena, nesse mesmo texto, Sohn-Rethel recorda de vários outros momentos vivenciados em Nápoles. Nesta cidade, ele estranhava a forte presença de criação de animais e a integração destes à “vida urbana”: galinhas nas lixeiras das salas da Universidade, cabras que vigiavam as lojas na hora do almoço, além de vacas mantidas em andares superiores das casas. O autor chama ainda a atenção para o fato de que, naquela época, os napolitanos

não bebiam leite engarrafado, o leite tinha que ser tirado imediatamente frente aos seus olhos. Assim em outras partes da cidade começava-se o dia com o mugido nas vacarias. Cedo da manhã, entre cinco e seis horas, elas eram encaminhadas pelos bairros e dispersas de maneira que cada vaca ia para determinada casa ou apartamento para tirar o leite (*Op. cit. p. 10*).

Da mesma forma que utilizamos a prodigiosa descrição da cidade de Nápoles elaborada por Sohn-Rethel, poderíamos ter eleito registros de diversos viajantes, estudiosos, cronistas, literatos e/ou fotógrafos que

retrataram os primórdios da urbanização brasileira Escolhemos a primeira exatamente para mostrar que “essa presença viva do campo na cidade” não se dá unicamente no Brasil. Porém, a título de ilustração, a respeito propriamente da realidade brasileira, podemos citar alguns autores, em cujas obras registraram a presença constante de animais que transitavam pelas ruas e abasteciam a cidade de carne e de leite da forma mais direta possível e até mesmo o despertar marcado pelo mugido das vacas, pelo berro das cabras ou pelo toque dos chocalhos. São eles: Ernani Silva Bruno (História e tradições da cidade de São Paulo), Gilberto Freyre (Sobrados e mucambos), Claude Levi Strauss (Saudades de São Paulo), José Lins do Rêgo (Usina), Celso Mariz (Evolução econômica da Paraíba) e Walfredo Rodriguez (Roteiro sentimental de uma cidade).

Se aquelas cenas descritas por Sohn-Rethel chamaram a sua atenção em 1926, hoje, a constatação de costumes rurais na cidade provoca espanto, requerendo, no mínimo, uma resposta à pergunta que o autor fez naquele momento: “Onde estão os currais destas vacas?” Ou mesmo na pergunta de uma criança de cinco anos em uma das ocasiões que tivemos que parar o carro para deixar as vacas passarem: “o que esta vaquinha está fazendo tão calminha no meio da rua?” Ou ainda: “Como estas vacas conseguem permanecer na cidade?” e “onde estão os currais destas vacas?” Essas foram as nossas primeiras interrogações ao nos depararmos, em algumas ruas da cidade de João Pessoa – nosso campo de estudo² –, com vacas pastando nos canteiros, nos terrenos vazios ou comendo o lixo dos depósitos das residências. Encontrar “os currais destas vacas”, mas, sobretudo, tentar explicar as razões da manutenção e a transformação de costumes rurais na cidade foi o nosso propósito.

No primeiro momento procuramos encontrar “os currais destas vacas”, ou desvendar os subespaços rurais (vacarias, estábulos, pocilgas, granjas, sítios, antigas fazendas) e localizá-los dentro da malha urbana de João Pessoa³. Essa descoberta partiu da observação, através dos encontros e posteriores “perseguições” às boiadas, nas ruas e avenidas, às carroças, às camionetes e às bicicletas quando distribuía o leite “in natura” nas residências, e nos percursos nos vales dos rios que entrecortam essa cidade. Nessa etapa, revelamos a existência de atividades rurais praticadas por

habitantes desta cidade e estudamos a produção desses subespaços rurais com um enfoque predominantemente econômico. No segundo momento, partimos da premissa de que a “vida rural” existente no espaço urbano de João Pessoa está além das atividades econômicas; ou seja, há uma manutenção de costumes e tradições rurais por seus habitantes, que, por sua vez, inscreve uma vida rural na cidade.

Ao se pretender estudar as atividades rurais e/ou os costumes rurais nas cidades depara-se com um grande desafio: a escassez de material bibliográfico. E que, por sua vez, tem como principal causa a interface disciplinar: Geografia Urbana – Geografia Agrária; Antropologia – Geografia. Pois, na verdade, ao levantarmos a bibliografia da Geografia Urbana, ficamos com a sensação de tratar-se do avesso do que se teria que estudar, ou, como bem expressou Maria Encarnação Spósito, na ocasião da defesa do segundo trabalho aqui exposto, “trata-se de caminhar na contramão”. E é esta a sensação que muitas vezes tivemos. Por outro lado, não se trata também de um estudo de Geografia Agrária, já que estamos lidando com espaços urbanos, com a configuração espacial cidade, muito embora necessitemos dos conhecimentos desta disciplina. Cabe ressaltar que encontramos na literatura geográfica algumas obras que trazem um conceito bastante utilizado para caracterizar áreas onde a delimitação dos espaços urbanos e espaços rurais torna-se praticamente impossível: rurbano e/ou periurbano. Encontramos um significativo número de trabalhos de autores argentinos, entre eles Pablo Gutman, Guilherme Dascal e Horácio Bozzano, que analisaram a constituição de espaços periurbanos ou rurbanos em Buenos Aires. Tais conceitos foram elaborados para designar aqueles espaços onde se coloca “em xeque” as definições comumente utilizadas de cidade e de campo. Porém, essas conceituações são normalmente aplicadas para as chamadas franjas ou bordas urbanas, onde surge uma produção agro-pecuária, mas cuja população não vive unicamente das atividades agrárias, existindo ainda uma dependência estreita dos serviços urbanos e da própria vida urbana.

Se a escassez de bibliografia específica é uma dificuldade para aqueles que pretendem estudar temáticas dessa natureza, outros desafios devem ser assinalados: a ausência de dados estatísticos ou grande confusão dos

mesmos e de registros oficiais que facilitem sua análise. Tal fato aparece facilmente nos registros do IBGE e das instituições governamentais locais, ao tratar os índices de urbanização, de população urbana e de área urbana, quando muitas vezes desprezam aqueles subespaços rurais ou mesmo as áreas rurais oficialmente delimitadas. Portanto, o pesquisador há de construir os dados para então poder afirmar que está tratando de uma realidade, de um espaço concreto. Evidentemente que o tratamento dado pelas secretarias ou pela prefeitura local pode se diferenciar muito de um município a outro. Entretanto, o que vem se constatando é um certo desprezo ou não interesse por registrar e oficializar as pequenas unidades que desenvolvem atividades agropecuárias no perímetro urbano. Outro problema é a definição da zona urbana e da zona rural, que nem todos municípios delimitam com clareza e que impõem restrições à expansão urbana na direção das áreas ocupadas com produção agropastoril. Além disso, não se pode confundir taxa de população urbana, taxa de população rural com a definição de uma totalidade urbana.

Vale acrescentar que, se a princípio esses desafios podem parecer desanimadores, eles são também instigadores, pois impulsionam o pesquisador a estudar o “diferente”, o que comumente a atualização tecnológica tende a anular e também a revelar: uma grande contradição no espaço construído e que precisa ser tratado, para utilizarmos as expressões de Henri Lefebvre (1974), não só no plano do que é concebido ou percebido, mas também no vivido, naquela dimensão onde se encontra o uso do espaço e do tempo.

2. Dos Procedimentos

A partir da observação em campo, de início verificamos que, em João Pessoa, o campo não se limitava a ocupar suas bordas, mas entranhava-se pela sua malha, através das margens dos vales dos rios, dos “vazios urbanos” e/ou das vias que a cortam. Aí se encontram currais, vacarias, pocilgas, granjas e chácaras onde se desenvolve a prática de atividades tipicamente rurais e se manifestam o que denominamos de *costumes rurais*.

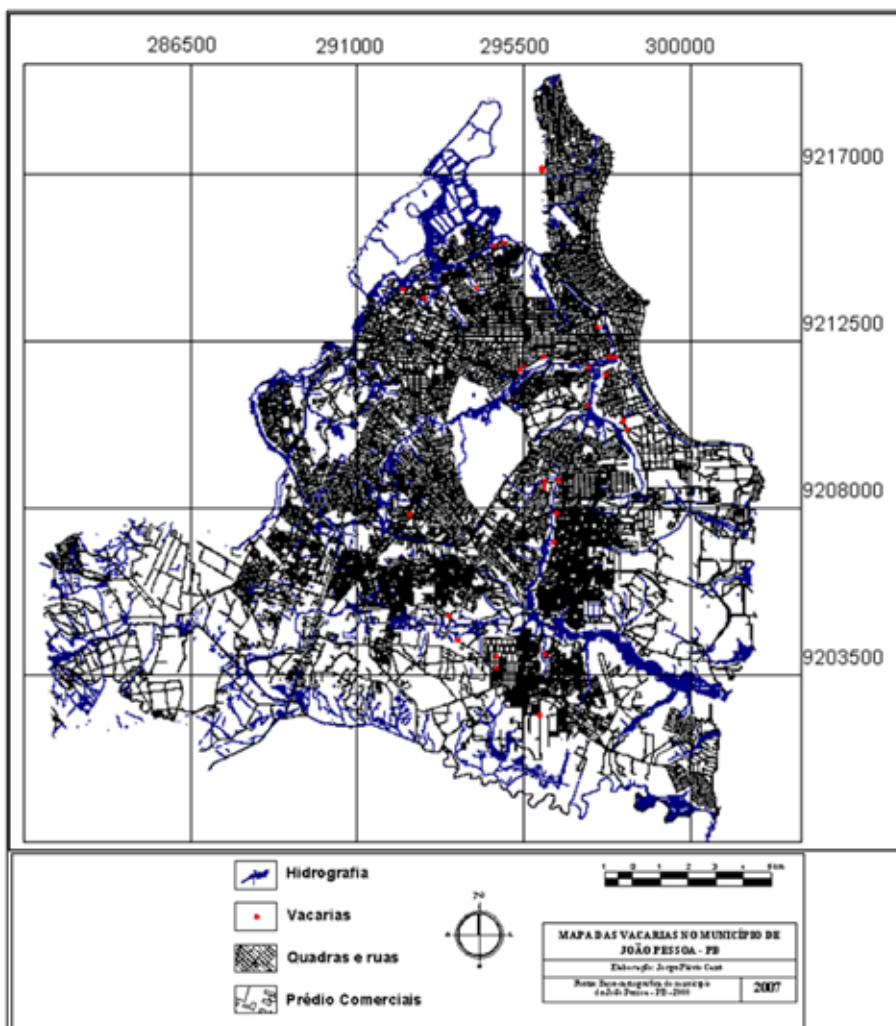
O nosso primeiro passo foi descobrir os subespaços rurais (vacarias, estâbulos, pocilgas, granjas, sítios, antigas fazendas) e localizá-los dentro da malha urbana⁴. Essa descoberta partiu da *observação*, do imediato desta realidade através dos encontros e posteriores “perseguições” às boiadas, nas ruas e avenidas, às carroças, às camionetes e às bicicletas quando distribuíam o leite “in natura” nas residências, dos percursos nos vales dos rios que entrecortam essa cidade, particularmente as suas áreas de maior expansão: Norte/Nordeste e Sul/Sudeste: Jaguaribe, Timbó, Laranjeiras, Cuiá e Bomba (neste incluindo os pequenos afluentes e os rios São José e Tambiá). Nessa etapa, revelamos a existência de atividades rurais praticadas por habitantes desta cidade. Iniciamos então a pesquisa, partindo da premissa de que a “vida rural” existente no espaço urbano de João Pessoa está além das atividades econômicas; ou seja, mantêm-se nos *costumes* e nas *tradições* dos seus habitantes que, por sua vez, inscrevem a vida rural na sua própria história (Mapa 1).

Assim, nosso trabalho procurou não só encontrar “os currais dessas vacas” na cidade de João Pessoa, mas também analisar a produção e a reprodução dos microespaços ou subespaços rurais, bem como explicar as razões da permanência-transformação dos costumes rurais na cidade. E a opção por estudar essa vida rural a partir dos *costumes*, ou mesmo de um *modo de vida* deu-se em razão de que a pesquisa anterior, realizada no mestrado – O Campo na cidade: necessidade e desejo – revelou que essa vida rural não se resumia às atividades econômicas (Mapa 2).

Dessa forma, decidimos por investigar não apenas “aquele tempo calminho das vacas nas ruas”, mas os tempos lentos do criador de bois e vacas, do entregador do leite, do pastorador, do vaqueiro, que imprimem na cidade de tempo acelerado aquele tempo guardado em seus costumes. Nesse momento, dividimos o nosso campo de análise em três “campos”: os currais e as vacarias; os pátios e os parques de vaquejada e a feira de gado.

Contudo, nosso caminho metodológico exigiu que, para que chegássemos às razões da existência e ainda da permanência desses subespaços rurais, bem como dos *costumes rurais* na cidade, seria necessário entender o processo de urbanização ora trabalhado. Muito embora tenhamos partido do presente, nunca perdemos de vista a dimensão histórica. E

Mapa 2



Por outro lado, desde que nos decidimos por essa temática, uma pergunta sempre se fazia presente: Como a Geografia estuda os costumes, a tradição, enfim, a cultura? Ou, a cultura pode ser objeto de análise da Geografia? Partimos então em busca dos escritos da Geografia Tradicional e da Geografia Cultural para então traçarmos nosso caminho. Para dar início a nossa investigação, realizamos uma exploração bibliográfica interdisci-

plinar a respeito das noções de *costume* e de *tradição*. Em princípio, essas noções dizem respeito à cultura e, por conseguinte, integram o campo conceitual das ciências humanas e mais propriamente da Antropologia. Por isso, o conhecimento de algumas ideias trabalhadas, neste campo científico, tornou-se imprescindível para o desenvolvimento da nossa pesquisa, sem, contudo, perdermos de vista – e nem teríamos como – a perspectiva geográfica. Revisitamos as obras da denominada Geografia Clássica, quando confirmamos que a preocupação com a diversidade cultural esteve presente no pensamento geográfico clássico, promovendo a construção da categoria *gênero de vida* e/ou *modo de vida*, tão cara aos alicerces da Geografia Humana. Encontramos, também, a valorização da cultura nos trabalhos de geógrafos que, nas primeiras décadas do século XX, fundaram o que se denominou de Geografia Cultural, tendo como principal pensador Carl Sauer. Deparamo-nos ainda com uma produção geográfica mais recente que vem se dedicando a pesquisar a cultura, constituindo o que se passou a chamar de “Nova Geografia Cultural”. Optamos por conhecer, além dos trabalhos geográficos, algumas discussões apresentadas por pensadores de diversas áreas do conhecimento (Sociologia, Antropologia, História, Filosofia e Geografia), cujos trabalhos pudessem nos auxiliar a melhor compreender e desvendar o nosso campo de análise. Assim, buscamos, nas leituras desses autores – Hobsbawm (1997), Lefebvre (1974, 1991), Thompson (1998), Martins (1975), Cândido (1987), entre tantos outros –, propostas metodológicas e teorias que se farão presentes em nossas interpretações. Acreditamos que só assim, ultrapassando os muros delimitadores dos saberes, conseguiremos chegar mais próximo da realidade em exame.

Diante da diversidade de nosso campo de análise não pudemos nos fixar em um único recurso metodológico. Em João Pessoa-PB, a prática de costumes rurais manifesta-se em microespaços, com pequenas criações ou mesmo na manutenção de costumes que se mesclam à vida urbana: a produção/comercialização do leite “in natura”, a despeito da proibição legal e da dominação do leite pasteurizado; homens levando capim para os animais ou ainda alguns cavaleiros que se aventuram pelas ruas da cidade. Nos estabelecimentos onde se desenvolve a atividade criatória de

gado leiteiro ou de corte – currais e vacarias – não pudemos descartar o olhar que se manterá presente nem deixar de ouvir as histórias de vida. Nesses estabelecimentos, localizamos os costumes, ou práticas culturais passadas oralmente de geração para geração, mas também modificadas pelas imposições da vida urbana.

Desse modo, observamos e descrevemos os currais, as vacarias, os pátios e parques de vaquejada e a feira de gado; ouvimos histórias, por meio de entrevistas, ora enquanto relatos de vida, especialmente nas vacarias, ora como depoimentos os antigos vaqueiros, ora ainda como conversas rápidas com os vaqueiros que disputavam as vaquejadas ou os frequentadores da feira de gado. Realizamos pesquisa nos jornais locais como também tentamos encontrar alguns dados oficiais que “falassem” dessa realidade. Finalmente, procuramos representar o nosso objeto de análise cartograficamente.

3. Descobrindo as vacarias na cidade

Nas ruas e avenidas da cidade de João Pessoa, não é difícil encontrarmos animais pastando em canteiros, em terrenos, alimentando-se nos depósitos de lixo nas calçadas ou atravessando as ruas. Porém, para encontrarmos as vacarias e os currais onde esses animais se instalam, tivemos que descobri-los na malha urbana. Para tanto, fizemos algumas andanças pela *borda* da cidade – denominada por alguns autores de *franja* e por outros de espaço *periurbano*⁵ ou *rurbano*⁶ – pelos interiores dos bairros, como também perseguimos algumas boiadas que retornavam para seus currais e percorremos os vales dos rios que cortam a cidade. Realizamos, em princípio, um reconhecimento dos vales dos rios Jaguaribe, Laranjeiras, Timbó, Cuiá e dos pequenos cursos Bomba, São José e São Bento que, por serem áreas públicas, poderiam abrigar alguns estabelecimentos; e por estarmos observando alguns animais pastando às margens do referido rio.

É preciso dizer que esse percurso não se resumiu ao que se encontrava diretamente às margens dos vales, mas incluía um trajeto nas mediações. Muitas vezes, somente através de informações de uns, conseguíamos locali-

zar outros. Dessa forma, mapeamos estabelecimentos rurais no interior da malha urbana de João Pessoa, nosso primeiro passo para a compreensão dessa realidade, uma vez que esse registro não consta nas instituições públicas locais, com exceção de algumas fotografias e planilhas realizadas em 1987 pelo Instituto de Terras e Planejamento Agrícola do Estado da Paraíba (INTERPA). Esses estabelecimentos estão localizados na franja da malha urbana, mas também concentram-se nas proximidades dos vales dos rios, cujas vertentes são aproveitadas para o plantio de capim. Por serem áreas de domínio público, os vales dos rios puderam permanecer isentos de uma ocupação até o início dos anos 2000. No entanto, nos últimos dois anos, tem-se verificado uma crescente modificação dessas áreas através de aterros e consequentes instalações de empreendimentos comerciais, como postos de gasolina, *shopping centers* (vale do Jaguaribe), lojas de material de construção (vale do Mandacaru), e, mais recentemente, um grande hipermercado às margens do rio Jaguaribe.

Geralmente dispostas ao longo dos vales dos rios e por detrás das grandes avenidas, essas unidades de produção, a despeito da constante pressão que a vida urbana lhes impõe, conseguem manter costumes trazidos da zona rural de onde foram expulsas, principalmente das regiões interioranas do estado da Paraíba e de estados vizinhos (Rio Grande do Norte e Pernambuco). Algumas já vieram de outros bairros da cidade de onde foram tangidas pela especulação imobiliária. Outros pequenos produtores estão no local desde que para aqui migraram. A escolha do local dá-se a partir do valor do terreno a ser adquirido como também da constatação da existência de um grande número de lotes vazios ou mesmo antes do loteamento da área.

Encontramos, na malha urbana de João Pessoa, vacarias onde se mantém uma pequena produção e distribuição do leite "in natura". Além das vacarias, localizamos currais com gado bovino para engorda e corte e outros estabelecimentos de criação equina. Essas unidades representam um conjunto de espaços onde encontramos a permanência de alguns costumes rurais na cidade de João Pessoa. Os currais e as vacarias localizam-se, de forma descontínua, na malha urbana; contudo, verificamos uma maior concentração ao longo dos vales dos rios. O número preciso desses

estabelecimentos pecuários⁷, como já mencionamos anteriormente, não é computado por nenhuma instituição.

Assim, inicialmente optamos por eleger algumas unidades localizadas em diferentes vales – entre as 142 investigadas anteriormente –, o que significa dizer em diferentes áreas da cidade, onde realizamos o nosso trabalho de campo. Na medida em que retornamos a essas unidades, nos deparamos com algumas unidades extintas, mas, por outro lado, – e muitas vezes do outro lado da cidade – encontramos unidades até então não visitadas. Portanto, não houve rigidez na demarcação dos estabelecimentos escolhidos. Entrevistamos alguns moradores, proprietários e ex-criadores de estabelecimentos rurais já extintos, uns em processo de extinção ou com poucas perspectivas e outros reformados e com planos de melhoramentos. Privilegiamos uma conversa mais demorada com seus proprietários e familiares que possibilitasse um conhecimento maior de suas práticas e vida diárias. Elaboramos um roteiro de entrevistas, porém deixamos, também, a conversa fluir com naturalidade, o que significa dizer que conjugamos a entrevista com o depoimento oral, enquanto técnicas de pesquisa. Para tanto, nos inspiramos nos estudos etnográficos, bem como nos clássicos trabalhos da Geografia, que partiam da observação e da descrição. Para essas entrevistas, foi fundamental estabelecer uma relação de confiança, o que exigiu mais de uma visita, e em alguns casos a figura do intermediador. Essa confiança foi crescendo à medida que deixávamos o entrevistado falar espontaneamente de sua vida, de suas dificuldades, de seus problemas de saúde, da visão de um futuro ameaçador, e, principalmente, com os mais idosos, da solidão. Como bem disse E. P. Thompson (1998): “Se fosse discriminar os componentes constitutivos da ‘cultura popular’ que mais requerem a nossa atenção nos dias de hoje, citaria as ‘necessidades’ e as ‘expectativas’” (THOMPSON, 1998, p.22-23).

O espaço analisado é composto por elementos característicos de áreas rurais, bem como de áreas urbanas. Muito embora tenhamos partido da observação, não nos limitamos a esse procedimento. Resgatamos algumas descrições de paisagens rurais caracterizadas pela atividade pecuária para assim melhor analisarmos o *habitat* em questão. Partimos para uma exposição do *habitat rural-urbano* que compõe a cidade de João Pessoa.

Assim, buscando o entendimento da *permanência de costumes rurais* na cidade, nos detivemos na análise desses fragmentos de espaços rurais e seus componentes: a casa e o curral.

Realizamos uma análise da relação da cidade com o leite. Posteriormente, fizemos uma atenta observação e uma descrição da casa e do curral por entendermos que esses espaços revelam o *modo de vida* de seus habitantes, a afirmação de sua diferença e, conseqüentemente, a persistência de alguns *costumes rurais*, bem como as modificações e interferências da vida urbana.

Realizamos ainda uma atenta observação e uma descrição do curral por entendermos que esse espaço revela muito do *modo de vida* dos seus habitantes.

4. A Casa

As casas dos estabelecimentos pecuários encontrados na cidade de João Pessoa, muito embora não estejam localizadas na zona semi-árida e a despeito de certas alterações, apresentam algumas peculiaridades próprias das fazendas pecuárias, já descritas por autores como Manuel Correia de Andrade, Gustavo Barroso e Câmara Cascudo. Todas são de alvenaria, cobertas com telhas, possuem o curral de madeira entrelaçado com arame – não mais de pau-a-pique – ao lado ou atrás da casa. Além dessas características comuns, a presença da varanda ou alpendre na frente ou na lateral da residência é uma particularidade que marca também as casas das propriedades rurais ainda hoje encontradas no sertão nordestino. Alpendre pode ser definido como sendo “o telhado que se prolonga para fora da parede mestra da casa e que é apoiado em sua extremidade por colunas, tendo como função precípua fazer sombra à construção, evitando que se acumule na alvenaria o calor do sol – refrescando, assim, os interiores”⁸ (LEMOS, 1996, p. 27). Em nosso campo de pesquisa nós também encontramos o alpendre e ele representa o espaço permitido para o visitante. Sobre isso, Carlos Lemos nos fala:

[..] desde o começo nossas casas rurais coloniais necessitaram de um espaço aberto para receber estranhos, para abrigar hóspedes, talvez até para proteger temporariamente da chuva produtos da colheita em processo de beneficiamento no terreiro. Não só os remanescentes coloniais antigos, como a pequena iconografia disponível mostram sistematicamente nossas sedes de fazenda portando a tal varanda entalada ou um alpendre (LEMOS, 1996, p. 29).

Não obstante ser bastante comum no Nordeste encontrarmos as casas urbanas com alpendres ou terraços, esse estilo é uma herança rural que também se faz presente na maioria das casas das pequenas propriedades por nós visitadas. De acordo com o arquiteto Carlos Lemos (1996), a presença de uma varanda ou alpendre marcou também as casas dos engenhos de açúcar de Pernambuco, porém isso não bastou para caracterizar uma tipologia do engenho pernambucano. O referido autor afirma que os alpendres “são muito importantes e podemos dizer que são brasileiros devido à sua disseminação ampla pelo Brasil todo. Brasileiros por terem sido reinventados aqui entre nós desde os primeiros momentos” (LEMOS, 1996, p. 28).

Nos alpendres das casas, aqui tratadas, pudemos observar tanto a presença de redes armadas ao lado de algumas cadeiras, como também vários utensílios de montaria pendurados: arreios, selas, estribos e baldes de leite. Ao compararmos com as descrições daqueles autores que descreveram as casas das fazendas do sertão nordestino, sentimos falta da roupa de couro do vaqueiro, mas esta também não se encontra mais tão facilmente nas casas sertanejas⁹. Mesmo assim, as nossas observações nos fizeram lembrar as palavras de Gustavo Barroso: “As paredes e as forquilhas dos alpendres são cobertas de pregos e de ganchos onde o matuto arma redes para dormir e descansar, pendura arreios e todos os apetrechos necessários aos cavalos e ao gado” (BARROSO, 1912, p. 192).

Na maioria das casas por nós visitadas não adentramos além do alpendre, lugar onde fomos atendidos. No entanto, naquelas onde ganhamos maior confiabilidade de seus moradores, passamos primeiramente do alpendre para a cozinha e depois para a sala. Note-se que esta passagem não se deu igualmente em todas as casas e nem se dá dessa forma com todas as “visitas”. Por termos demonstrado interesse pelas atividades desenvolvidas naqueles estabelecimentos, seus proprietários, muitas vezes, nos levavam

para conhecer os espaços onde aquelas se desenvolviam: na cozinha ou nas dependências anexas, como a área para lavar os baldes (a pia e o balcão), a cocheira e o curral. Isso aconteceu quando fomos entrevistar o Sr. Macedo, proprietário de vacaria no bairro do Bessa. A casa do Sr. Macedo foi construída sobre um lote de 86m de frente, 35m do lado esquerdo e 50m do lado direito. Apresenta um curto recuo frontal onde tem um pequeno jardim. É de alvenaria, coberta com telhas com caibros não serrados e tem, em sua lateral, um alpendre, um grande balcão com uma pia, na qual são lavados os tambores de leite, e um quarto de depósito que serve para guardar utensílios, ração dos animais e que também é dormitório do ajudante. Esse mesmo alpendre ainda serve para entrada da carroça que segue até junto da cocheira de aproximadamente 8m de extensão. Nos fundos da casa, está a cocheira e, atrás dela, o curral e um chiqueiro com alguns porcos. No primeiro dia, fomos recebidos no alpendre, localizado na lateral da casa. Nesse espaço, estão os tambores de leite, baldes e, em suas colunas e paredes, encontram-se armadores de redes e alguns pregos nos quais são pendurados os acessórios de montaria. No segundo dia de visita, já fomos recebidos na cozinha, onde Sr. Macedo estava fazendo queijo de coalho¹⁰. Pudemos observar que o fabrico do queijo de coalho dá-se de forma bastante rudimentar, com um grande caldeirão, um tecido branco que coava o leite e uma prensa de madeira feita por um amigo seu. A cozinha possuía um fogão a gás, um balcão de cimento liso com pia e algumas prateleiras de madeira tosca, sobre as quais estavam guardados pratos, panelas e bacias. Nesse espaço não encontramos o fogão à lenha, tão comum nas casas do sertão nordestino, mas a cozinha continua a acumular as funções de queijaria, e, tal qual a descrita por Barroso, observamos que “rente às prateleiras peçadas de louça grossa, encostada à parede [...]”, estava “a gasta prensa de fazer queijo” (BARROSO, 1912, p. 193).

Em outra visita, passamos da cozinha para a sala, espaço amplo que se divide em dois ambientes: sala de estar com um sofá, duas poltronas já bastante gastas e uma mesinha com a televisão preto e branco e a sala de jantar com uma mesa de madeira e seis cadeiras. Nas paredes dessas salas, existem armadores de rede que, no momento, serviam para pendurar algumas esporas e estribos. Por toda a sala, havia sacos de farelo

espalhados pelo chão. Aqui também encontramos muitas semelhanças com as descrições feitas por Barroso: “O lugar mais importante é a sala ou o copiar. Das paredes pendem objectos de toda a sorte, cabrestos, peias, chicotes, cordas, arreios, sacos de sementes, chapéus de palha e couro [...]” (BARROSO, 1912, p. 192). Os dois quartos da casa abrem para estas salas. O espaço interno da casa é dividido por meias paredes e não é forrado. Um dado importante para nossa análise é a semelhança da tipologia das casas por nós visitadas. Apesar de apresentarem algumas variações no que diz respeito ao número de quartos, em todas as casas, a cozinha encontra-se nos fundos e os quartos abrem para a sala. Em nenhuma delas encontramos o “corredor de circulação”. Esta tipologia é comumente encontrada nas casas rurais simples do interior do Nordeste.

Essa similaridade das casas das vacarias de João Pessoa com as casas rurais simples do Nordeste brasileiro justifica-se pelo fato de seus proprietários serem provenientes do meio rural, em especial da zona semi-árida, que, ao se instalarem nesta cidade, além de manterem a atividade pecuária lá praticada, trazem também costumes que se revelam no vestir, na alimentação e no morar, portanto, no modo de vida. Quando perguntamos se existem diferenças entre a casa onde hoje moram e a casa antes habitada na zona rural sempre afirmam haver muitas diferenças. Mas, ao perguntarmos por estas diferenças, as respostas mostram que elas correspondem não aos espaços da casa, mas sim à propriedade, especialmente à extensão dos campos onde podiam deixar pastar o gado.

Assim, podemos dizer que a casa, enquanto elemento desses espaços rurais, na cidade, guarda muito dos *costumes rurais*. Portanto, trata-se de um espaço onde essas famílias conseguem manter seu modo de vida: um modo de vida rural inserido na vida urbana.

5. O Curral

Em João Pessoa, encontramos vacarias e, em menor número, pequenas propriedades com gado para corte. Esses estabelecimentos contêm, além da casa do proprietário ou do administrador, o curral onde as reses

pernoitam e o estábulo onde as mesmas são alimentadas. Os currais, da mesma forma que no sertão, servem principalmente para abrigar as vacas e os bezerros durante a noite e para a ordenha. Esses são, em sua maioria, feitos com estacas de madeira grosseira em forma de varas, muitas vezes aproveitados de construções ou encontrados aleatoriamente, ligadas umas as outras com quatro a seis fios de arame farpado. O tipo de curral depende do porte da propriedade, de sua capacidade produtiva e da renda de seu proprietário. Existem algumas vacarias com currais improvisados, nos quais até mesmo a disposição das estacas dá-se de forma bastante desalinhada. Em contraposição, existem aquelas onde as varas são entrelaçadas com arame farpado e estacas de madeira bem cortadas. Todos os currais possuem uma porteira que segue o padrão do curral. A porteira, segundo o tipo do curral, pode ser formada com algumas varas de madeira e arame farpado, fechando-se com um pedaço de arame ou corda. É fácil também encontrarmos alguns cercados sem porteiras, mas apenas com o que eles denominam de “colchete”: pedaço solto da cerca que abre e fecha.

Além daqueles currais descritos anteriormente, encontramos, em uma propriedade melhor estruturada, na qual atualmente se cria apenas gado de corte, outro tipo de curral. Esse, além dos componentes anteriores, possui um “brete” – uma espécie de corredor, parte estreita onde cabe unicamente uma rês, utilizado para vacinar e ferrar os animais – e uma pequena rampa para facilitar a saída do animal e sua entrada nos transportes.

Igualmente ao que acontece nas fazendas sertanejas, nas vacarias de João Pessoa, a primeira atividade do dia, logo que o sol nasce, é a retirada do leite no curral. Geralmente, participam dessa tarefa duas pessoas, o produtor e um ajudante, e o tempo dedicado a ela depende do número de vacas ordenhadas. Os instrumentos utilizados são muito simples, sem nenhum incremento mais industrializado, a não ser o balde, que, em alguns casos, deixa de ser de lata (flandre) para ser de plástico. Mas, na maioria das unidades visitadas, são usados os mesmos utensílios empregados por seus ancestrais: o banquinho (podendo ser um tronco com uma alça de couro) para sentar-se, a corda para amarrar o bezerro e separá-lo do ubre da mãe, o balde para aparar o leite e os tambores de litros para pôr o que

foi recolhido no balde. Nas fazendas de gado, ou mesmo nos engenhos de açúcar que também mantinham criação de gado, a retirada do leite e com ela a “ida ao curral”, no início da manhã, faziam parte do cotidiano. O proprietário costumava presenciar o trabalho de seus vaqueiros e, muitas vezes, com alguns membros da família tomava o leite fresco.

Em João Pessoa também era muito comum as pessoas irem diretamente às vacarias todas as manhãs para buscar o leite do dia e lá tomar um copo de “leite no peito da vaca” como aqui chamam ou “de curral”, “como dizem lá no Rio Grande do Norte”¹¹. Sobre esse costume praticado pelos habitantes da cidade, nós encontramos registro, em uma crônica jornalística da época, que se proibiu a venda do leite “in natura” no final da década de 1970. Nessa crônica, o escritor lamenta a mudança de seu modo de vida: “Quando penso que jamais irei poder tornar a beber outro copo de leite como antigamente!... Aquele leite puro, sem a divina intervenção dos senhores industriais!... E (me lembro) nunca soube que ele (o leite) tivesse feito mal a ninguém! É duro pra quem é um apreciador do produto”¹². O ir até à vacaria buscar o leite não era apenas uma ação mecânica, mas envolvia uma relação afetiva com o produtor e seus vizinhos que aproveitavam esse momento para pôr os assuntos em dia. Hoje, apesar de não ser uma prática tão comum como em tempos anteriores, ainda é possível encontrar, em algumas vacarias, mais precisamente em seus currais, pessoas que para lá se dirigem para assistir à ordenha, tomarem um copo de leite tirado na hora e conversarem assuntos de seu interesse, que, na maioria das vezes, dizem respeito à criação de gado. Esses não necessariamente são vizinhos, mas antigos conhecidos que têm relação de amizade com o criador. O costume de tomar leite no curral ainda é mantido não só por alguns fregueses, mas também pelos próprios donos e seus filhos. D. Maria, esposa de pequeno produtor, afirma que todas as manhãs vai até o curral e toma o leite. Explica: “Porque eu, se deixar de tomar aquele copo de leite, eu naquele dia eu num... Olhe eu tomo um copo de leite bem cedo, eu vou almoçar de 12 horas, nem me lembro!” (D. Maria, vacaria no bairro do Bessa, 23/03/1999). Já, em outra vacaria, localizada no bairro de Água Fria, a esposa do proprietário relata-nos que seus filhos só gostam do leite tirado na hora. Diz que todas as manhãs eles

vão junto com o pai tirar o leite e, lá mesmo no curral, bebem-no.

Na maioria dos estabelecimentos, é realizada apenas uma ordenha, aquela do início da manhã. Apenas as vacarias de maior produção, ou seja, aquelas com mais de 100 litros diários, realizam duas ordenhas, uma, nas primeiras horas da manhã, e outra à tarde. E somente na vacaria de maior produção leiteira da cidade de João Pessoa, com 350 litros diários, a retirada do leite não ocorre no curral, mas, sim, em estábulo separado.

6. A Vaquejada e a Feira de Gado

Nos pátios e parques de vaquejada, onde se realizam encontros, festas, mas também é trabalho para os vaqueiros profissionais, tanto o olhar como o ouvir foram imprescindíveis. Olhamos o parque, a festa, os equipamentos utilizados, os vaqueiros. Ouvimos os donos dos parques, os espectadores e principalmente os vaqueiros tanto nas “vaquejadas oficiais” como naquelas de menor dimensão, denominadas de “bolões”.

Nesse cenário, a *descrição* também foi importante para dar melhor entendimento ao que corresponde à *festa-espetáculo* da *vaquejada*. Além disso, ouvimos relatos de antigos vaqueiros que, utilizando-se de registro da memória, explicaram-nos a *festa* da *vaquejada* de tempos anteriores.

É ainda nesse mesmo espaço urbano que o domingo também é dia de feira de gado. Essa feira dá-se normalmente no Parque de Exposição, aproveitando os seus currais para expor os animais. Porém, quando esse parque encontra-se em preparação para a Feira Anual, promovida pelo Governo do Estado e pela Prefeitura, a feira acontece do lado de fora, na própria rua onde o parque está localizado. Lá, os habitantes/criadores da cidade encontram-se com produtores e negociantes de cidades próximas. Eles vendem, trocam, compram, mas também conversam sobre assuntos que giram em torno da criação de animais. A feira de gado é, portanto, um espaço de comércio e de encontro de criadores de animais e de homens que “apreciam” a criação.

Vale ainda ressaltar que, embora nossos campos de análise estejam na maioria das vezes espacialmente separados, as temáticas aqui tratadas

– a retirada do leite, a criação de gado, a vaquejada e a feira de gado – comumente confundem-se. Isso porque no momento em que estávamos nas vacarias, entrevistando os pequenos proprietários, muitas vezes eles falavam não só da prática da retirada do leite ou da criação de animais, mas também sobre a vaquejada e a feira de gado.

Procuramos, portanto, analisar a vida cotidiana desses criadores e vaqueiros e a (re)produção desses “espaços rurais”. Não só descrever os currais, as vacarias, a feira de gado, os parques e pátios de vaquejada, mas analisar a produção e a reprodução desses espaços rurais, bem como a permanência-transformação de tradições e de costumes rurais intrínsecos ao processo de urbanização de João Pessoa.

A problemática tratada foi, portanto, exatamente o embate dos costumes rurais no processo de urbanização. Em outras palavras, a subsistência de modos tradicionais de vida diante das imposições da vida urbana.

Notas

¹ Sohn-Rethel, Alfred. “Eine Verkehrsstockung in der Via Chiaia”. In: _____. *Das Ideal des Kaputten*. Herausgegeben von Carl Freytag, s/d. Capítulo traduzido pelo professor Dieter Heideman enquanto atividade do Laboratório de Geografia Urbana da Universidade de São Paulo em novembro de 1996.

² A cidade de João Pessoa-PB, localizada no Nordeste brasileiro, vem apresentando, desde a década de 1970, um crescimento acelerado, o que leva muitos autores a afirmarem seu alto grau de “urbanização”. Estas afirmações partem muitas vezes dos dados oficiais, que desprezam a existência de atividades agropecuárias e consideram o total da área do município, bem como sua população, como urbana: Em 1980, pop. Urbana = 98,98% e, em 1991, pop. Urbana = 100%.

³ Cf. Maia, 1994.

⁴ Referimo-nos ao trabalho realizado para a concretização do Mestrado em Geografia. Cf. Maia, 1994.

⁵ Pablo Gutman, Graciela Gutman, Guillermo Dascal (1987) e Horacio Bozzano (1990).

⁶ Henri Lefebvre (1991), Gilberto Freyre (1982).

⁷ Optamos por denominá-los de pecuários, uma vez que não encontramos, nos estabelecimentos visitados, nenhum cultivo agrícola alimentar, apenas a plantação de capim para o gado.

⁸ Sobre a definição de alpendre e a sua variável – varanda – vale à pena transcrever as palavras de Lemos: “Como *bangalô*, *varanda*, também é palavra que tem origem oriental e foi incorporada no linguajar europeu pioneiramente pelos portugueses e espanhóis. Já em 1498, no roteiro de viagem de Vasco da Gama, há menção à palavra varanda, como sendo um local alpendrado de permanência aprazível. Por isso, sempre se confundiu alpendre com varanda e com certa razão. Alpendre é o nome de uma construção anexa à casa; varanda é um refrescante local de lazer,

de estar, na casa tropical. Um alpendre pode vir a ser uma varanda, mas nem toda varanda é alpendrada” (LEMOS, 1996, p. 29).

⁹ Hoje, é muito comum os vaqueiros usarem calça *jeans*, muito embora achem a roupa de couro mais adequada. A sua não utilização se deve ao fato do couro ser bem mais caro do que o *jeans*.

¹⁰ Atualmente, encontramos nos supermercados o queijo de coalho produzido no sertão após ter passado pelo processo de industrialização. Todavia, o queijo de coalho no seu fabrico tradicional, conforme o feito pelo Sr. Macedo na ocasião de nossa visita, é bastante comum, principalmente no interior da região.

¹¹ Palavras do Sr. Macedo.

¹² PEIXOTO, Roberto. “Leite por amor de Deus”. In: *Jornal A União*, 20/03/1979.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no nordeste**. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

BARROSO, Gustavo. **Terra de sol (natureza e costumes do Norte)**. Rio de Janeiro: Benjamim de Aguilá Editor, 1912.

BOZZANO, Horacio. Los procesos de estructuración de espacios periurbanos. Hacia una definición del borde metropolitano de Buenos Aires. **Revista Interamericana de planificación**, v. XXIII, n. 89, enero-marzo, 1990.

BRUNO, Ernani Silva. Introdução – Apontamentos sobre a região. In: RIEDEL, Diaules (org.). **O sertão, o boi e a seca**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1960.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 7ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. (Documentário da vida rural n. 9). Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Secretaria de Informação Agrícola, 1956.

_____. **Vaqueiros e cantadores**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1970.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982. 2 v.

GUTMAN, Pablo et al. El campo en la ciudad. La producción agrícola en el Gran Buenos Aires. **Informes del CEUR**, n.6, Buenos Aires: agosto, 1987.

HOBSBAWM, Eric. “Introdução: A invenção das tradições”. In: ____ & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LEMOS, Carlos. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAIA, Doralice Sátyro. **O campo na cidade: necessidade e desejo** (Um estudo sobre subespaços rurais em João Pessoa-Pb). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia).

_____. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia Humana).

MARIZ, Celso. **Evolução econômica da Paraíba**. João Pessoa: A União, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo (estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil)**. São Paulo: Pioneira, 1975.

PLANO DIRETOR DA CIDADE DE JOÃO PESSOA. João Pessoa: Grafset, 1994.

RÊGO, José Lins do. **Usina**. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Nacional do Livro/ MEC, 1973.

RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. João Pessoa: A União, 1994.

SAUER, Carl O. La geografia cultural. In: MENDOZA, Josefina Gómez et all. **El pensamiento geográfico**. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

_____. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1998.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em: 16/10/2010

Aceito em: 06/11/2010